

REVEL NA ESCOLA: FRASEOLOGIA E PAREMIOLOGIA: PARA QUE ENSINAR, SE TODO O MUNDO SABE?

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin¹

rosemeire.plantin@gmail.com

O título quase provocador deste texto tem como objetivo principal chamar a atenção para unidades linguísticas bastante conhecidas e usuais em nossas interações cotidianas, mas ainda marginalizadas quando se trata de estudo, ou tratamento didático adequado nas aulas de língua, principalmente nas aulas de língua materna.

1. MAS O QUE É FRASEOLOGIA?

Do ponto de vista etimológico, relacionado à disciplina que se ocupa do estudo da origem e evolução das palavras, fraseologia seria o estudo da frase. Porém, não é o sentido etimológico que nos interessa neste texto.

Podemos definir Fraseologia como o conjunto de fraseologismos, ou de unidades fraseológicas de uma língua, o que nos permitiria falar em fraseologia brasileira, por exemplo.

Fraseologia é também o nome da disciplina que tem por objeto de estudo os fraseologismos ou as unidades fraseológicas de uma língua, ao tratarmos da língua comum, em oposição à língua de especialidade, objeto da Terminologia.

As unidades fraseológicas, por sua vez, são combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes,

¹ Doutora em Psicolinguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC.

utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que muitas vezes de forma inconsciente. Incluímos nessa categoria as parêmias ou sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas, estereótipos e clichês, bordões, slogans...

2. PAREMIOLOGIA

A disciplina que tem por objeto de estudo as parêmias denomina-se Paremiologia e há pelo menos três importantes publicações de pesquisas paremiológicas contemporâneas: *Proverbium*, publicada pela Universidade de Vermont, Burlington, Estados Unidos, dirigida por Wolfgan Mieder; *De Proverbio*, publicada pela Universidade da Tasmânia, na Austrália, dirigida por Teodir Flonta e *Paremia*, publicada pela Universidade Complutense de Madri, na Espanha, dirigida por Julia Sevilla Muñoz.

Há estudiosos que se ocupam exclusivamente das parêmias, em contrapartida, há fraseólogos que a elas se dedicam como parte das unidades lexicais de que se deve ocupar a Fraseologia.

Embora saibamos que as parêmias podem ser estudadas à parte (o ensino de Latim já se deu por meio de máximas, mais precisamente por meio da análise sintática de frases feitas, adágios, ditados, citações), consideramos as parêmias como parte da fraseologia de uma língua, o que nos permite falar em Fraseoparemiologia.

2.1 AS PARÊMIAS

As parêmias foram as primeiras das unidades fraseológicas que constituíram objeto de análise, mesmo antes de serem classificadas como tal.

Vale lembrar que parêmia é um hiperônimo (termo mais geral) que compreende provérbios, adágio, refrão, dito popular, frase feita, máxima, citação, sentença, aforismo... que podem também ser incluídos como objeto de estudo da paremiologia.

Embora *provérbio* seja o protótipo da categoria das parêmias, optamos pela expressão *sentença proverbial*, como um conceito guarda-chuva, passível

de abrigar todos os membros da categoria, sem o estabelecimento de uma gradação entre eles.

Ficam abrigadas sob esse guarda-chuva, as expressões caracterizadas por serem:

- gramatical e textualmente independentes, do ponto de vista da enunciação, podendo ser constituídas por uma frase, ou até mesmo um texto (*Casa de ferreiro espeto de pau. Praga de urubu não pega em beija-flor. Só sei que nada sei.*);
- relativamente fixas, do ponto de vista morfossintático, nas quais as flexões sejam bloqueadas, ou pelo menos restritas (*Mais vale um pássaro na mão do que dois voando; Quem vê cara não vê coração.*);
- propícias à memorização, do ponto de vista fônico, por meio de recursos sonoros característicos que auxiliem nossa memória ecoica (*Quem conta um conto, aumenta um ponto. Beleza não se põe na mesa.*);
- testemunhas da herança cultural, do ponto de vista didático e pragmático, com as quais se possa alertar, aconselhar, avaliar, julgar, elogiar, repreender (*Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.*).

Uma das principais características das sentenças proverbiais é a transmissão de uma lição, ensinamento ou conselho, de forma independente, impessoal e atemporal, sem comprometimento direto do enunciador.

Imaginemos uma situação em que Maria acredite que João, que está prestes a desistir de alcançar um objetivo, ainda não insistiu o bastante, ou não esgotou todas as suas possibilidades de conquista. Se, ao invés de dar a sua opinião e sugerir que João continue tentando, Maria diz “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, estará, dessa forma, transferindo a responsabilidade do que disse para a memória coletiva da comunidade linguística partilhada pelos dois.

Ao utilizarmos um provérbio, além de não nos comprometermos diretamente, nem nos responsabilizarmos pelo conteúdo proposicional que estamos veiculando, transferimos ao nosso ouvinte ou leitor, concordar e/ou

aceitar, ou não a proposição como uma crítica a sua conduta, ou como um conselho a ser seguido.

A atemporalidade dos provérbios deve-se principalmente à possibilidade de atualização e adaptação de seu sentido, sem que necessariamente conheçamos as condições iniciais de sua produção (origem, motivação, propósito comunicativo, interlocutores, contexto...).

Sendo assim, em: *Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, a base para a construção do sentido será o conhecimento partilhado entre os interlocutores, que, por sua vez, deverão adaptar o plano do conteúdo à enunciação. Tal plasticidade decorre, principalmente, do reconhecimento implícito de que os provérbios são transmissores de conhecimentos universais, gerados da experiência de nossos ancestrais.

2.2 AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Se tomarmos como exemplo: *estar em uma cama de gato, dizer cobras e lagartos, ser um ninho de cobras, matar cachorro a grito, pagar mico, engolir sapo, dar zebra, levantar a lebre, estar feito cão e gato*; veremos que essas expressões não se referem à fauna brasileira, como se poderia supor em uma interpretação literal. Tais expressões referem-se, respectivamente, a: envolver-se em confusão; dizer impropérios; estar desesperado; passar por constrangimento; enfrentar dificuldades; insucessos e discórdia.

As expressões idiomáticas são as primeiras a serem lembradas, quando se fala em Fraseologia. Porém, mesmo sendo largamente utilizadas na recepção e produção dos mais diferentes discursos, carecemos ainda de obras de referência teórica e metodológica que possam dar conta da promoção do desenvolvimento da competência discursiva, voltadas para o nível fraseológico da língua. Desta forma, em termos didáticos, podemos dizer que o nível fraseológico segue sendo marginalizado, no ensino de língua materna.

É no ensino de línguas estrangeiras que tais expressões têm encontrado maior atenção, provavelmente por apresentarem dificuldades de compreensão para os falantes não nativos de uma língua.

Possivelmente, a dificuldade para a compreensão de tais unidades decorra de sua não composicionalidade semântica, quer dizer, o sentido da

expressão não resulta da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem.

As expressões idiomáticas são, quase sempre, de sentido conotativo e indecomponível, o que equivale a dizer que devem ser compreendidas em sua totalidade e não palavra por palavra, além de serem cristalizadas na língua por serem convencionais e com alta frequência de uso.

Podemos dizer que a independência contextual das expressões idiomáticas é bem menor do que o das sentenças proverbiais, pois os provérbios se apresentam em forma de frases e podem ser facilmente contextualizados; ao passo que as expressões idiomáticas precisam de uma contextualização sintagmática, ou seja, necessitam pelo menos estarem integradas numa frase.

Ainda assim, existe a possibilidade de que as expressões idiomáticas gozem de certa independência contextual, ao funcionarem como peças comunicativas cuja possibilidade de interpretação depende do reconhecimento de intertextualidade e ou de inferências.

É o que ocorre, por exemplo, em títulos de livros: *Leite derramado*; filmes: *Bicho de sete cabeças*, telenovelas: *O pulo do gato*; emissões televisivas: *Saia justa*; canções: *Gota d'água*. Graças ao conhecimento do sentido não composicional de cada uma dessas expressões podemos saber que não se trata de um livro acerca de um incidente doméstico; um filme e uma telenovela sobre animais; e nem uma emissão televisiva sobre moda, mas, respectivamente, de perda de oportunidade, de exagero, de oportunidade, de constrangimento e de alcance de limite.

Além da não composicionalidade semântica, sinônimo de idiomaticidade, outra característica das expressões idiomáticas é a fixação, a cristalização ou a restrição sintática, que diz respeito à ordem dos elementos na cadeia da fala e também a possibilidade de flexão dos constituintes.

Um tratamento didático adequado de tais expressões pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva, principalmente no que concerne à ampliação do vocabulário.

2.3 AS COLOCAÇÕES

Formadas por uma base e um colocado, por meio de coocorrência léxico-sintática, as colocações são expressões linguísticas construídas por palavras que aparecem juntas, com uma frequência tal que chegam a dar a impressão de que sempre estiveram juntas, sendo compreendidas em bloco pelos falantes nativos de uma língua, como ocorre em: *prato principal, bala perdida, pegar um táxi, prestar atenção, correr perigo, perdidamente apaixonado...*

As colocações distinguem-se das expressões idiomáticas por, pelo menos, duas características básicas, uma de ordem semântica e outra de ordem sintática.

Do ponto vista semântico, nas colocações, o sentido é composicional, uma vez que cada uma das unidades léxicas que as constituem leva para o conjunto o seu sentido primário ou literal.

Do ponto de vista sintático, existem restrições a flexões morfosintáticas e/ou a inserção ou comutação dos elementos. Quando ocorrem alterações, estas provocam pelo menos estranhamento, por não serem convencionais, ainda que o sentido possa ser recuperado, como em **prato protagonista, *apresentar graças* ou **bala desorientada*. De forma diferente, ocorre com as expressões idiomáticas, em que a inserção de novos elementos ou a comutação de pelo menos um deles pode fazer com que o sentido pretendido se perca totalmente. Assim, em *saia justa*, o sentido de situação constrangedora não poderá ser atualizado com *saia quase justa*, ou *vestido justo*, ou *saia apertada*.

2.4 OS PRAGMATEMAS

Nesta categoria, estão as unidades que menos têm recebido atenção nos estudos fraseológicos, embora alguns de seus componentes venham sistematicamente sendo tratados nos estudos da Análise do Discurso ou da Pragmática; principalmente os dedicados aos atos de fala, polidez ou impolidez.

Presentes em todas as línguas e culturas de que temos notícia, os pragmatemas apresentam-se como condição à participação social e também para a participação do falante na categoria de bem educado. Vale dizer que temos “aulas” de incentivo ao seu uso desde nossa mais tenra idade. Quem

nunca ouviu pai ou mãe perguntando: *Como é que se pede?* ou, *Como é que se diz?* e não recebeu aprovação ao responder: por favor, com licença, ou muito obrigado?

Incluimos nesta categoria:

- as fórmulas de rotina, sejam elas de cortesia, polidez: (*com licença, pois não, tenha a bondade, muito prazer, sinto muito, muito obrigado*); ou de descortesia, impolidez (*cai fora, vai se danar, não tô nem aí, azar seu, bem feito, problema seu*);
- as fórmulas epistolares (*prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar*);
- as fórmulas ritualizadas (*meus parabéns, feliz páscoa, feliz natal, meus pêsames*);
- as fórmulas religiosas (*assim seja, a paz de Cristo, graças a Deus, se Deus quiser, Deus queira*);
- as fórmulas situacionais (*proibido estacionar, passagem obrigatória, acesso exclusivo a, proibido fumar, homens trabalhando, fale com o motorista somente o indispensável, não perturbe*);
- os marcadores conversacionais (*veja bem, por falar em, posso interromper, sem dúvida, falou e disse, está entendendo, o que eu estou querendo dizer é*). A conscientização da importância dos pragmatemas na comunicação dependerá muito do tratamento conferido pelos professores de língua materna a tais expressões. Evidenciamos em experimentos didáticos realizados com alunos do ensino médio que, embora muitos tenham conhecimento dos pragmatemas, possuem um repertório limitado, reservado apenas aos que utilizam com mais frequência. Além disso, nem sempre os alunos têm consciência das implicaduras e implicações derivadas da seleção de determinados pragmatemas em detrimento de outros.

Por isso, julgamos necessário um tratamento didático dos pragmatemas que contemple os elementos da comunicação, as funções da linguagem, os diferentes níveis do discurso, as condições produção, as relações entre os interlocutores, o conhecimento partilhado, e demais aspectos da interação

linguística, com o intuito de dar conta da compreensão de quem diz (ou pode ou deve dizer), o que, para quem, como, em que situação, onde e por quê.

Além das sentenças proverbiais (objeto de estudo da paremiologia), das expressões idiomáticas, das colocações e dos pragmatemas, diversas outras unidades partilham de algumas das características das unidades fraseológicas, sem, portanto, poderem ser consideradas completamente como tais, postulamos considerá-las como unidades semifraseológicas, ou semifraseologismos, como por exemplo, os estereótipos, os clichês, os bordões e os slogans.

3. QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS?

De um modo geral, podemos dizer que as unidades fraseológicas são polilexicais, fixas ou cristalizadas, apresentam idiomaticidade, são convencionais e frequentes em uma dada língua. Vejamos em que consiste cada uma dessas características.

3.1 A POLILEXICALIDADE

A polilexicalidade pode ser considerada, ao mesmo tempo, como uma característica quantitativa e qualitativa dos fraseologismos, uma vez que se refere não apenas ao número de elementos que constituem a expressão, quanto à relação semântica que há entre eles.

Melhor dizendo, se todas as unidades fraseológicas são formadas por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas em bloco, como ocorre em *espírito de porco, da pá virada, chorar o leite derramado, pernas pra que te quero, água que passarinho não bebe, comer capim pela raiz, João sem braço, testa de ferro, saia justa, dedo duro, bater as botas, chutar o pau da barraca, acertar na mosca...*, é porque qualquer que seja o número de elementos que as constitui, elas representam uma unidade de sentido. Trata-se, pois, de lexias compostas, ou mais especificamente, lexias complexas.

Porém, longe de ser um critério simples, a polilexicalidade suscita uma série de questionamentos em relação às formas livres e presas.

Além disso, há que se dizer que se toda unidade fraseológica é polilexical, nem toda sequência polilexical é uma unidade fraseológica. Vejamos por

exemplo: guarda-chuva, guarda-roupa, rádio-relógio, marca-passo, saca-rolhas. Nesses casos, estamos diante de palavras compostas, cuja formação obedece a regras produtivas (composição, derivação e justaposição). Nas unidades fraseológicas, como por exemplo, *pé de chinelo*, *dor de cotovelo*, *cabeça dura*, *mão na massa*, *testa de ferro*, a formação apresenta algum tipo de desvio do sentido literal em pelo menos um dos constituintes e precisa ser compreendida no conjunto.

De tais considerações já podemos depreender que a polilexicalidade, embora seja uma condição necessária, não é suficiente como critério de identificação de uma unidade fraseológica.

3.2 A FIXAÇÃO (OU CRISTALIZAÇÃO)

A fixação é uma característica que diz respeito à mobilidade e a substituições de elementos nas unidades fraseológicas, nas quais ficam impedidas, ou pelo menos restritas, alterações tanto no eixo sintagmático quanto no eixo paradigmático.

No eixo sintagmático, há restrição para flexões, pronominalizações e passivização, se tomarmos como exemplo *bater as botas* com o sentido de morrer, não diríamos - **bater as botinhas*, **bater suas botas*, ou ainda, **botas batidas*.

No eixo paradigmático, seguem restrições para **as botas bater*, **bater as botas de couro*, ou **bater com força as botas*.

Todavia, a fixação, por si só, não é suficiente para a caracterização dos fraseologismos, uma vez que as palavras compostas também partilham de tais restrições.

Cabe assinalar que, embora a fixação seja característica essencial, tal característica não se aplica de maneira integral à totalidade das unidades fraseológicas.

Desta forma, uma análise sobre a fixação das sequências linguísticas suscita uma série de questionamentos, tais como: a delimitação e a categorização das unidades léxicas (simples, compostas, complexas) e a regularidade, em oposição a irregularidades que podem ser contempladas na descrição de um sistema linguístico.

3.3 A IDIOMATICIDADE

Ao mencionar a idiomaticidade, estamos contrapondo opacidade à transparência, ou, em outras palavras, trata-se de não composicionalidade semântica; que ocorre quando o sentido de uma expressão linguística não é resultado da soma dos sentidos de cada um dos elementos que a constitui. Tal como ocorre em: *mão na roda*, que, embora constituída por três elementos, tem de ser compreendida em sua totalidade, com os constituintes na mesma posição, e não *roda na mão*, por exemplo, para que lhe seja atribuído o sentido de auxílio, “ajuda para o desenvolvimento de uma tarefa”. A não composicionalidade dessa expressão, corrente no português falado no Brasil, equivale a dizer que a compreensão de seu sentido não poderá ser o resultado da soma do sentido de *mão + na + roda*.

Julgamos pertinente lembrar que *idiomático*, em língua portuguesa, é também sinônimo de idiotismo, anglicismo, galicismo etc., para expressar o que é próprio de um idioma e que não deve ser traduzido palavra por palavra, ainda que não haja restrição sintagmática, ou paradigmática.

Contudo, de acordo com os critérios por nós estabelecidos, os idiotismos e as expressões afins integram a categoria dos pragmatemas, sendo, na maior parte dos casos, transparentes em língua materna: *não há de que, boa sorte, até logo...*, ainda que haja expressões em que a transparência é relativa, nas quais o sentido se tornou opaco e só pode ser recuperado em uma análise etimológica ou diatônica, como por exemplo, *às ordens, muito obrigado, estou pouco me lixando e pois não*.

Falaremos em idiomaticidade, quando não houver transparência, ou, em outras palavras, quando a expressão for semanticamente opaca.

3.4 A CONVENCIONALIDADE E A FREQUÊNCIA DE USO

A convencionalidade e a frequência de uso estão intimamente ligadas, de tal modo que é possível dizer que a relação entre elas é tautológica. Um fraseologismo pode ter se tornado convencional devido a sua frequência de uso, ou pode ser frequente por ser o mais convencional.

O que torna uma expressão convencional em uma dada língua é a sua seleção, em detrimento de outra, para atender a propósitos discursivos precisos; a frequência, por sua vez, refere-se a sua repetição, muitas vezes de forma automática, de estruturas pré-fabricadas.

Raramente tais automatismos são perceptíveis em língua materna, embora sejam rapidamente detectáveis quando se trata de uma língua estrangeira.

Os pragmatemas, como as formas convencionais que utilizamos para saudar, tais como *bom dia*, *tudo bem*, *tudo azul*, fazem parte do processo de aquisição da linguagem e nem sequer necessitam de aprendizagem escolar, ou formal.

Ao assinalarmos a estreita relação existente entre experiência e convencionalidade, convém lembrar que experiências repetidas nos levam a perceber que existem convenções que condicionam nossa integração e participação social. Uma atitude convencional deve ser entendida neste texto como aquela que é esperada em uma dada situação, dentro de um determinado grupo social: cumprimentar, agradecer, felicitar, despedir-se, perguntar, responder, solicitar seu turno para falar...

As sentenças proverbiais, as expressões idiomáticas, as colocações, os pragmatemas, os clichês, os bordões e os slogans podem ter se tornado convencionais por sua frequência, mas também podem ter sido frequentes por serem convencionais.

A convencionalidade e a frequência de uso das unidades fraseológicas mantêm uma estreita dependência com suas fontes de produção, manutenção e reprodução.

Podemos apontar como fontes principais, pelo menos em relação à civilização ocidental, a mitologia greco-romana, a literatura universal, a literatura de viagem, e, mais recentemente, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa.

Para citar algumas que nos foram legadas pela mitologia greco-romana, temos: *calcanhar de Aquiles*; *bicho de sete cabeças*; *leito de Procrusto* e *caixa de Pandora*.

Para mencionar as oriundas da Bíblia, podemos recorrer ao Velho Testamento e encontrar: *cova dos leões*, *paciência de Jó*, *sabedoria salomônica*,

arco da velha, e ao Novo Testamento: *Madalena arrependida*, *lavar as mãos*, *onde Judas perdeu as botas*, *dar a outra face*.

Buscando na literatura universal, temos: *Inês é morta*, *ovo de Colombo*, *até aí morreu o Neves*, *espelho mágico*, e se quisermos acrescentar a literatura de viagem, notadamente as histórias de contato entre europeus e indígenas que teriam dado origem a expressões como *cachimbo da paz*, *pacto de sangue* e *o último dos moicanos*.

Em relação a novas fontes de produção, ou de revitalização, oriundas da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, podemos citar as canções; as citações de personagens (reais ou fictícios), os slogans publicitários, os títulos de filmes e de telenovelas, por exemplo.

4. A FRASEOLOGIA COMO DISCIPLINA

Embora saibamos que a fraseologia é considerada por muitos estudiosos como uma subárea da Lexicologia, reivindicamos, neste texto, a possibilidade de tratá-la como disciplina independente, cujo objeto de estudo está relacionado a **todos os níveis de análise linguística**, do fonético ao discursivo-pragmático. Consideramos que os fraseologismos, embora ainda marginalizados como objeto de ensino e análise, constituem um estupendo recurso linguístico do qual os falantes de uma comunidade linguística fazem uso em contextos precisos e com objetivos específicos.

A despeito disso, o uso ou o tratamento didático de frases feitas, sentenças proverbiais, expressões idiomáticas e demais fraseologismos tem sido marginalizado, tanto na tradição literária brasileira, quanto no ensino de língua materna.

Uma evidência da marginalização dessas unidades é que há recomendações expressas para a sua não utilização em inúmeros materiais didáticos, dedicados ao ensino de língua materna.

Em contrapartida, podemos asseverar que as unidades fraseológicas apresentam-se como um espaço privilegiado para a reflexão sobre o processamento da linguagem verbal, pois, além de serem portadoras da cultura, são propícias à desautomatização dos mais diferentes usos linguísticos.

Desmarginalizar a fraseologia, conferindo-lhe um tratamento didático diferenciado, todavia, não significa de forma alguma passar a ensinar fraseologismos ou simplesmente incluí-los como conteúdo em atividades de compreensão leitora ou de produção textual, a fim de que os alunos digam o que significam ou os insiram em seus textos.

Devido à plasticidade de tais unidades, os fraseologismos se mostram extremamente oportunos para reflexão sobre distintos fenômenos linguísticos.

5. O QUE SE DESCOBRE INVESTIGANDO AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS?

Antes de iniciarmos a discussão acerca de tais fenômenos, há uma pergunta que não quer calar, com a qual certamente os professores de língua materna já tenham se deparado: *Para que ensinar português para quem já fala português?*

Em vez de apresentar os inúmeros objetivos do ensino de língua materna na escola, vamos nos contentar com aquele que julgamos ser o objetivo primordial de um professor de língua materna, qual seja, auxiliar seus educandos no desenvolvimento da competência discursiva.

Por competência discursiva, levamos em conta a capacidade de reconhecer e também de selecionar, entre as estruturas linguísticas, paralinguísticas e epilinguísticas disponíveis, as que atendam aos propósitos dos falantes de forma mais satisfatória.

Do ponto de vista da recepção (escuta e leitura) de mensagens linguísticas, trata-se de reconhecer, identificar e correlacionar as estruturas disponíveis, fazendo inferências, se necessário, num jogo que pode ser entendido como um contrato de cooperação entre os interlocutores. Do ponto de vista da produção, trata-se da seleção das estruturas para atingir aos objetivos da comunicação pretendida.

As estruturas linguísticas dizem respeito aos fonemas (segunda articulação da linguagem), morfemas, sintagmas e frases (primeira articulação da linguagem), que constituem os enunciados linguísticos.

As paralinguísticas são extralinguísticas, porém com interferência crucial na enunciação, tais como pausas, hesitações, entonação, ritmo, velocidade da

fala, etc.; na modalidade escrita, elas podem se revelar por meio de diacríticos (negritos, sublinhados, usos de maiúsculas ou outros recursos).

Já as epilinguísticas são aquelas estruturas utilizadas no controle e na reflexão sobre o uso da linguagem durante a enunciação, quando comparamos expressões ou brincamos com a linguagem em busca de novas formas de significação. São as que ocorrem quando comentamos ou imitamos sotaques diferentes do nosso, quando perguntamos o que determinada palavra quer dizer ou ainda quando explicamos o que estamos dizendo, com: *quer dizer, ou seja, em outras palavras...*

Concebemos língua como um conjunto de sinais e das regras de combinação desses sinais, sócio-historicamente constituídos, utilizados por uma comunidade linguística em suas interações.

Reiterando o que dissemos anteriormente, professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino da fraseologia, embora se ressintam da falta de orientação didática para a concretização de um ensino que possa propiciar ao aprendiz um conhecimento linguístico suficiente para a participação em interações cotidianas (saudação, agradecimento, acordo, desacordo, polidez, impolidez...).

Já no caso dos professores de língua materna, constatamos que, além da escassez de material didático, encontramos ainda, orientações expressas para evitar o uso de fraseologismos, tais como provérbios, ditos populares e expressões idiomáticas, em produções textuais, com a justificativa de que elas demonstrariam falta de criatividade e até preguiça mental.

6. FRASEOLOGIA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

A desmarginalização das unidades fraseológicas no ensino de língua materna continua sendo o principal desafio dos estudos fraseológicos no Brasil. Para tanto, faz-se necessário encurtar a distância entre a pesquisa e o ensino, por meio da formação continuada de professores e da produção consistente de materiais didáticos, nos quais as unidades, que são objeto de estudo da Fraseologia, estejam inseridas como pertencentes ao sistema linguístico e que como tais devam ser descritas e analisadas tais quais as formas livres. Para termos uma ideia de quão distantes estamos de vencer o desafio da

marginalização na formação de professores, basta lembrar que, na maioria dos cursos de Letras oferecidos nas universidades brasileiras, não há sequer a Lexicologia como disciplina. Desta forma, a Fraseologia acaba sendo um luxo a ser degustado, ainda que de forma escassa, apenas em alguns programas de pós-graduação.

Outro importante desafio é a consolidação de uma nomenclatura, ainda que não unânime, mas passível de viabilizar o diálogo entre diferentes perspectivas de investigação. Não julgamos necessário que fraseologismos, unidades fraseológicas, frasemas, formas fixas, expressões cristalizadas, idiomatismos, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina, fórmulas conversacionais, pré-fabricados linguísticos, frases proverbiais, colocações e pragmatemas encontrem um denominador comum.

Entretanto, torna-se imprescindível a definição, a exemplificação e a explicitação das características dessas unidades linguísticas, bem como do papel que desempenham em nossa língua materna.

Uma investigação sistematizada em unidades que já conhecemos e utilizamos, muitas vezes de forma automatizada, poderá propiciar desde uma melhor compreensão de fenômenos linguísticos específicos, tais como a delimitação e categorização de diferentes unidades léxicas; a constituição e o processamento de nosso léxico mental; a motivação e a arbitrariedade dos signos linguísticos; as regularidades e irregularidades do sistema linguístico; a composicionalidade e a não composicionalidade semântica; a fixação e a mobilidade dos constituintes; a criatividade e a convencionalidade nas interações linguísticas; o sentido literal e o sentido idiomático; até a etimologia, a diacronia, a sincronia, a variação e a mudança, a norma padrão e o erro, os regionalismos e os universais linguísticos.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que as unidades fraseológicas constituem mais de 50% do inventário lexical, e com suas combinações, às vezes inusitadas, são as principais emissárias da sonoridade e de imagens peculiares de cada língua.

Os fraseologismos estabelecem uma espécie de solidariedade linguística, na medida em que são pré-requisito indispensável para que possamos fazer parte, efetivamente, de uma comunidade linguística. Eles povoam nosso imaginário coletivo, transportando nossas emoções, lembranças, lágrimas e

sorrisos, sendo a melancolia, a alegria e o colorido da língua. Guardam um intrínseco potencial unificador, capaz de fazer com que nos sintamos pertencendo a nossa língua. Por extensão, todos aqueles com os quais podemos partilhá-las são os que podemos chamar de nossos.

Mas paradoxalmente, ao mesmo tempo em que nossa fraseologia nos particulariza, quando conhecemos as expressões de outras línguas podemos sair de nosso etnocentrismo e nos abrir para o outro.

O conhecimento dos usos e sentidos das unidades fraseológicas, em cada uma das línguas que não seja a nossa, de certa forma é a porta de entrada para a tolerância, para a compreensão e para o respeito ao outro.

Ao descobrirmos o que se diz, em diferentes línguas e culturas, para saudar, ofender, mostrar alegria ou tristeza, pesar ou contentamento, indiferença, euforia ou êxtase, paixão, dores e amores, estamos penetrando no universo alheio e percebendo formas de pensar, atribuir valor e de fazer um recorte naquilo que chamamos de realidade.

Um sentimento de alegria pura e autêntica pode emergir da partilha e do confronto de diferentes visões de mundo, além da percepção de que aquilo que se diz na nossa terra pode ter viajado no tempo e no espaço, perdendo e ganhando não apenas massa fônica, mas também diferentes temperos, cores, sabores e sensações.

Por tudo isso, convém olhar para essas expressões com carinho, respeitando os séculos de bagagem que ensejam, e acrescentar um pouco de cada um de nós, para que prossigam viagem e possam embalar, consolar, acalmar e acalantar gerações vindouras.